

Pesquisa e resistência na produção poética urbana: profanando-e-resistindo **MARIANE SIMÕES¹; HELENE SACCO²**

¹Universidade Federal de Pelotas – marianesimoes204@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A atual pesquisa do projeto Profanando-e-resistindo¹ traz reflexões sobre a materialidade expressiva, gênero e urbanismo contemporâneo. Este trabalho iniciou em 2015 com o objetivo de expor imagens de mulheres nas ruas a fim de levar sua história de resistência até o cotidiano das cidades.

Narrativas de escritas urbanas que esta experiência causa é escrita por um corpo errante de uma artista mulher latino-americana. Como crítica às relações de poder da história da arte, cujo alocava as mulheres artistas como inferiores aos homens a ponto de: serem excluídas dos espaços, terem seus corpos e imaginário criados e representados sob uma ótica masculina. Penso hoje a produção de uma pesquisa/objeto/experiência com o aporte dos feminismos nas artes visuais contemporânea para discutir gênero, pesquisa em arte e a ruptura de um sistema hegemônico de produção cultural.

Com o andamento da pesquisa, considero o conceito de “profanação” trazido pelo filósofo italiano AGAMBEM (2007). A historiadora de arte POLLOCK (2011), para aprofundar ao contexto histórico da arte e gênero, CAMPBELL (2015) como artista pesquisadora de referência para a ação nos espaços urbanos e BERENSTEIN (2008), com o conceito de “corpografia” que caminha como suporte ao fazer artístico.

As técnicas escolhidas para trazer à materialidade tais questões seguem a partir da lógica de reprodutibilidade, acessibilidade e arte pública. Englobam a linguagem da gravura com a técnica da serigrafia e a arte de rua com o lambe-lambe.

2. METODOLOGIA

Nesta etapa da pesquisa/objeto/experiência Profanando-e-resistindo, conversando com um amigo, o também pesquisador, Alex Garrido², citou uma mulher negra para que eu pudesse realizar uma pesquisa sobre sua vida: Maria Felipa. A partir deste nome iniciei o processo de investigação sobre quem foi esta mulher.

Maria Felipa de Oliveira, nasceu em Itaparica, uma ilha da Bahia, data incerta de nascimento, mas sua data de falecimento é marcada por 1873. É conhecida como a Heroína Negra da Independência, por ter “liderado um grupo

¹ Registros do processo da pesquisa/objeto/experiência desde 2015 estão presentes neste blog profanando-e-resistindo.tumblr.com

² Alex Garrido, Biólogo, Especialista em Oceanografia Física, Mestrando no Programa em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), Graduando Química Licenciatura (UFPEL)

de mulheres e homens de diversas etnias, fortificou as praias com a construção de trincheiras, e as chamadas “vedetas”, que eram vigias nas praias, além de participar ativamente dos conflitos contra os portugueses entre 1822 e 1823”. E mesmo após a guerra da independência, sendo mulher, negra e pobre, continuou reivindicando seus direitos.

Ela é um símbolo de resistência para o povo de Itaparica e está em processo de reconhecimento pelo país, após muitos anos de seus ocultamento nos livros de história. Dia 26 de julho de 2018, foi declarada Heroína da Pátria Brasileira pela Lei Federal nº 13.697. Uma das mulheres que estavam entre negros, caboclos e indígenas pela independência do território da Bahia.

Após a pesquisa histórica, procuro identificar a maneira como vou expor a imagem de Maria Felipa nas ruas. Havia utilizado desde 2015 a técnica da impressão digital p/b para a realização da imagem. Este ano, produzindo no atêlie de gravura do Centro de Artes, pude realizar as impressões com a técnica da serigrafia³. Gravei uma tela a partir de um retrato, feito pela artista Filomena Orge, realizado a partir de pesquisas em documentos e relatos orais dos familiares de Maria Felipa. A partir da matriz, realizei 50 impressões.

A forma de exposição do objeto proposto como imagem, é o lambe-lambe. Técnica que busca um sentido para “expressar alternativas às políticas dominantes. Ampliando o poder de reverberação dos sujeitos que estão inseridos na luta contra a privatização do espaço público” (OLIVEIRA, 2015). A arte urbana que entra ao sistema da arte como ligação às profanações (AGAMBEM, 2007). A retirada de algo sacro, devolvendo ao uso comum, com esse movimento acontece a ressignificação proposta pelo trabalho. Que é subjetiva de um conteúdo que pensa a intervenção no espaço, refletindo sobre a cidade contemporânea, a partir da ocupação de imagens de mulheres neste meio.

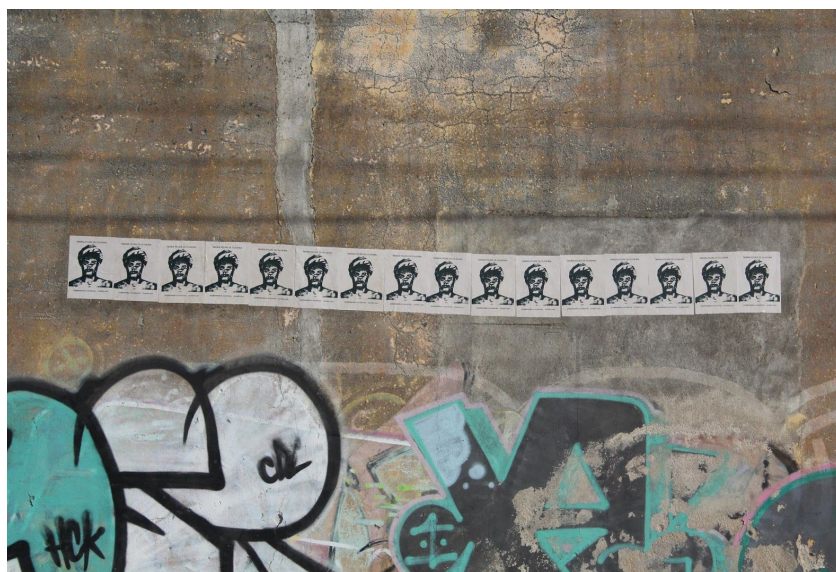
Caminhar, observar o espaço urbano e sentir como estas estruturas moldam o corpo, a percepção, o olhar. Com a cola, o rolinho e as impressões com a imagem de Maria Felipa, faço o processo da errância⁴, percorrendo a zona central de Pelotas/RS, ativo o espaço com a ação da colagem do lambe-lambe, sendo a partir da repetição da imagem, busco atingir o público para a visualidade daquela experiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das colagens de lambe-lambe, resultam as corpografias, que segundo Berenstein, são marcas subjetivas ou não, geradas no corpo a partir de uma experiência urbana. Esta resulta na narrativa de resistência por um corpo feminino que se apropria de um espaço para expor um conteúdo de influência pessoal para atingir a subjetividade do público participante na cidade. Caminho, geralmente nas noites, para sentir a quebra de um cotidiano massificante, espetacular e capitalista no urbano e assim ativa-lo, compartilhando uma visão política e estética da arte.

³ O processo de impressão que consiste em vazar a tinta – pela pressão de um rodo ou puxador – através da tela previamente preparada. A tela (matriz serigráfica) é esticada em um bastidor (quadro) de madeira, alumínio ou aço. A matriz é gravada pelo processo de fotosensibilidade, onde é preparada com uma emulsão fotosensível e colocada sobre um fotolito e, posteriormente, sobre uma mesa de luz.

⁴ Maneira de experienciar a cidade de forma crítica e reflexiva a partir do caminhar (BERENSTEIN, 2012).



Maria Felipa, 2018. Lambe-lambe, localizado em Pelotas/RS

A profanação perpassa o objeto/pesquisa/experiência quando propõe expor história de mulheres nas ruas. Considera o lambe-lambe uma produção de arte contemporânea que está sendo pensada a partir da partilha de uma imagem que vai de contramão à museificação⁵ e ao espetáculo nas cidades. Logo a materialidade expressiva se transforma pela subjetividade do seu redor. A cidade e o expectador participante absorvem a paisagem como um todo, sentindo as vozes que ocupam o urbano.

Assim, podemos pensar que a arte desenvolve um programa político na cidade, quando atua diretamente no seu espaço simbólico e imagético gerando novas formas de percepção no cotidiano (...) Arte e política são maneiras de “recriar o espaço” e os “possíveis do tempo”, as condições históricas com as quais dividimos e percebemos o que é ruído o que é palavra, o que é visível e o que está invisível, os que fazem parte da cena ou os que estão nela excluídos”. (RANCIÈRE apud CAMPBELL, 2015)

A invisibilidade latente das mulheres no campo histórico e artístico se deve às estruturas rígidas da sociedade de ordem patriarcal. No século XIX observamos uma marca desta desigualdade de gênero, onde apenas o masculino podia ter livre acesso aos espaços públicos e privados. No século XX, com as lutas sociais, as mulheres conquistaram espaços e continuam reivindicando muitas questões sobre os direitos de um corpo autônomo ao Estado e a religião (moral), bases da sociedade patriarcalista, marcante ainda na contemporaneidade.

Na modernidade em seu mito masculino é marcada por uma classe hegemônica de artistas homens com seu “olhar feminino” e suas infinitas representações de mulheres sob uma ótica objetificada, romantizada ou erotizada. Uma mulher pacífica. O artista possuía uma vida de boêmia e flâncias, seus principais temas era retratar a vida em bares e bordéis. “As mulheres não usufruíram da liberdade de estarem incógnitas na multidão. Nunca

⁵ A museificação, termo de Walter Benjamin, resgatado por Agambem (2007) é a separação realizada por hierarquias de poderes dos objetos e/ou espaços do uso comum devido ao seu valor simbólico ou capital. Como separação ao uso comum, a museificação é o contrário da profanação.

se posicionaram como ocupantes do domínio público” (POLLOCK, 2011). Com a pesquisa/objeto/experiência, a ação de uma mulher artista na contemporaneidade de estar nas ruas e ocupar os espaços com imagens de mulheres e suas histórias é uma afirmação da resistência constante pela representatividade nos espaços público e privado.

4. CONCLUSÕES

Com as intervenções no espaço acontece uma afirmação de um sujeito participante no mundo. Uma artista mulher latino-americana partilha a resistência de estar nas ruas exibindo a imagem de outra mulher, fazendo deste espaço sua “galeria” ou mesmo um *atêlie rua*. Faço deste lugar reflexões criadoras, intercruzamentos históricos, pensando as subjetividades e como atingi-las.

Tais narrativas corpóricas se desdobram, repercutem a pesquisa e pensam a produção artística como micropolítica que procura resistir ao pensamento hegemônico sobre corpo, gênero e a produção cultural. Ocupa os espaços urbanos para profanar as estruturas contra a higienização e a privatização do espaço público.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEM, G. **Profanações**. Rio de Janeiro: Editora Boitempo, 2007.
- BERENSTEIN, P. **Elogio aos errantes**. Salvador: Editora EDUFBA, 2014.
- BERENSTEIN, P. **Corpografias urbanas**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165> Acesso em: 20 ago. 2018.
- CAMPBELL, B. **Arte para uma cidade sensível**. Editora Invisíveis Produções, São Paulo, 2015.
- POLLOCK, G. **A modernidade e os espaços da feminilidade**. MACEDO, A G; RAYNER, F. (Org) **Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica**. Edições Húmus, 2011. Pág 53 a 68.
- Abrolhos Cultura e Entretenimento. **Maria Felipa, a Heroína Negra da Independência**. 2012. Acessado em 2 jul. 2018. Online. Disponível em: <http://osheroisdo brasil.com.br/herois/maria-felipa-a-heroina-negra-da-independencia/>